



ATUALIDADE

Cientistas «não sabem» se Ria Formosa ainda é santuário do cavalo-marinho

Investigadores sabem que há um decréscimo e identificaram algumas das causas. No entanto, continuam presa fácil para a captura ilegal

Bruno Filipe Pires | bruno.pires@barlavento.pt

Em meados de novembro, na estação de autocarros de Marbella, em Málaga, três portugueses vindos de Olhão, tentam vender 7 quilos de cavalos-marinhos secos (2133 exemplares no total), por 10 mil euros. Os recetadores querem levar a mercadoria para a China, onde são usados como afrodisíacos, uma espécie de «Viagra» da medicina tradicional. Correu mal. A *Guardia Civil* apanhou-os em flagrante e cinco pessoas foram detidas.

No início de março, uma nova apreensão fez manchetes na imprensa espanhola, desta vez em Puerto de Santa María, Cadiz. Estas notícias não passam despercebidas aos biólogos Jorge Palma e Miguel Correia, que desde 2007 estudam as espécies *Hippocampus hippocampus* (focinho curto) e *Hippocampus guttulatus* (focinho longo), as mais vulgares na Ria Formosa.

«Sabemos que há pessoas que os capturam por meios ilegais, quer por orgulho, quer por arrasto, ambos interditos. Um dos problemas dos cavalos-marinhos é a fertilidade, que é muito baixa. O macho pode libertar 200 a 300 juvenis, mas, em meio natural, pouquíssimos sobrevivem. Toda a população acaba por não ter capacidade de gerar uma descendência em número suficiente. Se forem retirados do ambiente aos milhares como estão a ser atualmente, rapidamente esta po-

pulação pode entrar em colapso», explica Jorge Palma.

Estes cientistas sabem que as populações estão em declínio. «Conseguimos identificar algumas causas, quer naturais, quer antropogénicas. Um dos grandes problemas é a degradação ambiental, do *habitat* de fundo, o desaparecimento de macroalgas às quais os cavalos-marinhos se agarram e que precisam para estabelecer as suas colónias», explica o biólogo Miguel Correia.

Os investigadores também verificaram que a poluição sonora provocada pelo aumento da náutica de recreio na Ria Formosa causa «stress» aos animais e altera parâmetros como o batimento opercular e o metabolismo. Há ainda outras causas naturais, «como o assoreamento das barras», mas nada é tão preocupante como a ação humana. «Os cavalos-marinhos têm cauda preênsil e agarram-se a qualquer coisa. Basta uma rede velha para os apanhar. É uma espécie muito vulnerável», acrescenta Jorge Palma.

«É muito sedentária, ocupa sempre os mesmos locais. Há zonas de habitat que são muito específicas e muito importantes. Se forem impactadas, isso pode ter consequências catastróficas» em todo o ecossistema. Na verdade, «os números nunca voltaram ao que eram no grande censo de 2001. Houve um ligeiro acréscimo, mas apenas em locais

que ainda estavam preservados. Em muitos outros, continua a não haver cavalos-marinhos. O último censo que fizemos foi antes deste novo advento da procura para o mercado asiático. Nós não fazemos ideia qual é o impacto dessa pesca dirigida na Ria Formosa», sublinha.

No ano passado, a União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais (IUCN) classificou ambas as espécies como «quase ameaçadas» (*near threatened*), em toda a sua distribuição, que vai deste as ilhas britânicas até às Canárias. No entender dos biólogos não é suficiente. «Deveria ser reavaliado tendo em conta que já são consideradas espécies em risco e atendendo ao facto que a Ria Formosa está a sofrer este impacto. Há argumentos para se rever o estatuto», defende Jorge Palma.

Estes investigadores candidataram-se ao «Mar 2020» para estudar a nutrição do cavalo-marinho, na sequência do trabalho de reprodução em cativeiro que desenvolvem desde 2007, no Centro do Ralhete. Nos tanques desta infraestrutura de pesquisa científica da Universidade do Algarve gerida pelo Centro de Ciências do Mar (CCMAR) vivem hoje 700 a 800 animais. Aprofundar o estudo da alimentação será útil à conservação futura destas espécies.

Questionados sobre a Ria Formosa, os biólogos sublinham que hoje não sabem «se ainda é a maior comunidade



Jorge Palma e Miguel Correia



Bruno Filipe Pires

Bruno Filipe Pires

do mundo. Não sabemos». Miguel Correia e Jorge Palma têm centrado o seu trabalho de campo entre a Quinta do Lago e Marim. «Em toda a

área até Cacela Velha, não fazemos ideia o que se passa lá, do que existe, ou não existe». Por fim, os biólogos lamentam que cada vez haja menos

financiamentos disponíveis para projetos de ecologia, por exemplo, para permitir um novo e aprofundado censo ao que (ainda) resta na natureza.

Recifes artificiais para reabilitar as colónias

A densidade de cavalos-marinhos chegou a ser estimada em 2 milhões de animais, no início dos anos 2000. Hoje, estão mais vulneráveis e expostos a novas ameaças. E não há dados numéricos conhecidos. No entanto, os cientistas do Algarve têm ideias para reverter a situação. Uma solução é a criação de mini-áreas estratégicas de proteção com recifes artificiais. «Não é necessário levar animais de cativeiro, pois os selvagens procuram as condições adequa-

das. Apesar de serem predadores ativos, esperam que a comida venha ter com eles. Isso acontece em zonas com mais hidrodinamismo, onde há mais correntes. Estamos a falar de áreas pequenas com 4 a 10 metros quadrados» e um pouco mais profundas. Aí seriam colocadas estruturas feitas de corda náutica que imitam as algas. «Podemos criar todo um *habitat*. Já vimos isso acontecer e que é exequível. A densidade sobe exponencialmente até aos 13 animais por me-

tro quadrado», mesmo em áreas sem interesse para a pesca onde «nada existe. Ganham atratividade e não entram em competição com o meio natural», explica o investigador Jorge Palma. Os cavalos-marinhos são carnívoros, alimentam-se de crustáceos, moluscos e vermes. A espécie *H. guttulatus* pode medir mais de 20 centímetros e é mais abundante do que o pequeno *H. hippocampus*, embora este último esteja melhor adaptado a fundos de areia e conchas.

Cavalo-Marinho, embaixador da ecologia

Questionados sobre o porquê de tanta dedicação a estes animais, os biólogos Jorge Palma e Miguel Correia esclarecem que «o cavalo-marinho funciona como uma espécie-bandeira e um indicador do estado do ambiente. É representativo da biodiversidade e de tudo

o que impacta nos habitats. Em termos ecológicos, é muito apelativo para as pessoas. São uma espécie de relações públicas da natureza» e da necessidade imperiosa de a conservar. Talvez por isso, também a Águas do Algarve tenha escolhido este animal como mascote da

Semana da Ria Formosa, que este ano, vai decorrer de 2 a 6 de maio. Trata-se de um projeto nascido da união de várias entidades com preocupações ambientais que desafia as escolas de ensino básico dos cinco concelhos abrangidos a olharem para este território.



€1,30 | Quinta-feira, 06 ABRIL 2017 | Ano XLII #2053 | Diretor: Bruno Filipe Pires | barlavento.pt

Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico ou papel. Aut. N.º DE00892017RL/CCMS. Pode abrir-se para verificação postal.



Pastelaria Arade celebra quadra com arte e tradição P5

ACD de Ferragudo faz 40 anos P15

Alvor · Portimão · Albufeira · Faro

Hospital Particular do Algarve

GRUPO HPASAÚDE

24 HORAS
Urgência
Ambulâncias Privadas

☎ 707 28 28 28

www.grupohpa.com

Semanário Regional do Algarve

barlavento

2,5 milhões para dragar Ria de Alvor P4



Bruno Filipe Pires

Cavalos-marinhos a saque na Ria Formosa

Os biólogos do CCMAR estão preocupados com a captura ilegal de cavalos-marinhos na Ria Formosa. Considerados afrodisíacos pelos asiáticos, os animais são vendidos no mercado negro para exportação. Os cientistas temem o colapso das populações num espaço até agora reconhecido como santuário natural para a espécie. **P3**

Hospital de Faro já usa cães de terapia

Unidade de Faro do Centro Hospitalar do Algarve (CHA) inicia esta semana um projeto pioneiro em Portugal na área da neuropediatria com recurso a terapias assistidas por animais. Uma cadela especial chamada Sueca será a protagonista de 81 sessões. **P12**



MÓVEIS MALHEIRO

www.moveismalheiro.com



Pack T1*
1.880€

Pack T2*
2.556€

* Preços com entrega, montagem e IVA em todo o Algarve. Mais informações no site.

Urb. do Malheiro, Rua das Acácias, Lote 4 - 8500-331 Portimão
Tel.: 282 491 583 • Fax: 282 492 249
moveis.malheiro@mail.telepac.pt

Horário: 9h00-13h00 / 15h00-19h00
Todos os dias, exceto domingo